

**DIÁSPORA, COLÔNIA, COLONIZAÇÃO: DESAFIOS E QUESTÕES DE UM LÉXICO**  
**DIASPORA, COLONY, COLONIZATION: CHALLENGES AND QUESTIONS OF VOCABULARY**

Arianna Esposito  
Airton Pollini

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



# Diáspora, colônia, colonização: desafios e questões de um léxico<sup>1</sup>

Arianna Esposito<sup>2</sup>

Airton Pollini<sup>3</sup>

**Resumo:** O recurso ao termo "diáspora" no contexto de alguns estudos recentemente publicados na França e em outros lugares constitui uma clara tentativa de evitar o termo "colonização". Se a palavra "colonização" não é neutra, em razão de sua historiografia recente, seria o termo "diáspora" pertinente para falar dos antigos assentamentos gregos, especialmente no Período Arcaico? O problema lexical é evidentemente uma das principais áreas da pesquisa contemporânea e ele condiciona em grande medida a apreciação que podemos fazer das diferentes experiências de mobilidade de contingentes de população grega no Mediterrâneo. Eis por que nos parece oportuno começar por essas questões de vocabulário, tanto sobre categorias heurísticas quanto sobre vocabulário grego.

**Palavras-chave:** Colônia; Colonização; Diaspora.

**Abstract:** The use of the expression "diaspora" in the context of some recently published works in France and elsewhere constitutes an obvious attempt to avoid the term "colonization". If the word "colonization" is not a neutral one, is that of "diaspora" suitable to refer to ancient Greek establishments, especially in the Archaic period? The lexical problem is obviously one of the major issues of contemporary research and it determines, to a considerable degree, the appreciation one can have of the different types of mobility of Greek populations in the Mediterranean. This paper proposes a lexical analysis, both on the heuristic categories and on the Greek vocabulary.

**Keywords:** Colony; Colonization; Diaspora

Impressiona o impacto que a renovação do interesse pelas questões coloniais teve sobre o campo de estudo do mundo grego antigo, especialmente pelas abordagens ditas pós-coloniais (SPIVAK; HARASYM, 1990; SAID, 1993; SPIVAK, 1999; BHABHA, 2004; LOOMBA, 2005; SPIVAK, 2006, e também SAHLINS, 1995. No que diz respeito ao impacto desses estudos na análise dos estabelecimentos coloniais gregos, ver uma síntese em MALKIN, 2004). As sociedades europeias constituíram e depois perderam seus impérios em condições que conhecemos: por consequência, o uso do termo "colonização", aplicado aos mundos antigos, foi colocado em cheque para traduzir a palavra *apoikia*, que designa em grego o grupo daqueles que partem para longe de casa para se instalar em outro lugar. Esta releitura, alimentada pelos debates contemporâneos sobre a identidade grega, incluindo o contexto colonial (ver MALKIN, 2001; MÜLLER; PROST, 2002; LOMAS, 2004; RUBY, 2006; HALL, 2007; GRUEN, 2011; MÜLLER; VEISSE, 2014), impôs uma reconsideração de nosso

---

<sup>1</sup> Texto traduzido por Airton Pollini. Revisão técnica de Fábio Vergara Cerqueira.

<sup>2</sup> Maître de conférences (professora associada) d'archéologie classique à l'Université de Bourgogne – Franche-Comté, Dijon, UMR 6298 ARTEHIS.

<sup>3</sup> Maître de conférences (professor associado) d'histoire de l'Antiquité grecque à l'Université de Haute-Alsace (Université de Haute-Alsace, Université de Strasbourg, CNRS ArcHiMedE UMR 7044 Mulhouse).

vocabulário, em particular através do questionamento dos antigos paradigmas da historiografia, de modo que os próprios termos "colonos" ou "colonização" foram, por vezes, banidos.

Para analisar os estabelecimentos gregos fora da bacia do Egeu, um problema de terminologia muito importante e imediato é levantado. Primeiro, as palavras gregas usadas pelos autores antigos nem sempre são muito claras sobre as realidades que eles descrevem (CASEVITZ, 1985; CASEVITZ, 2009). Em seguida, as fontes escritas são bem mais tardias que as primeiras experiências ultramarinas dos gregos. Além de algumas obras como as epopeias de Homero (*Iliada* e *Odisseia*)<sup>4</sup> e os poemas de Hesíodo (*Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*), nos chegaram apenas raros fragmentos de autores poéticos do período arcaico, como Arquíloco de Paros<sup>5</sup>. Esses textos nos informam muito parcialmente sobre os fenômenos de deslocamento de contingentes de populações gregas no Mediterrâneo. Os primeiros textos que expõem de maneira mais detalhada as informações datam somente do séc. V a.C., no caso, Heródoto (cf. POLLINI, 2008) e Tucídides, mas a maioria das descrições preservadas são bem mais tardias. Estas incluem principalmente o grande relato de Estrabão, a *Geografia*, cujos dezessete volumes foram quase completamente preservados e que data, no entanto, da época de Augusto e de Tibério, no início do século Id.C.<sup>6</sup> Podemos também destacar a importância das obras fragmentárias de dois historiadores em língua grega: Políbio, *Histórias* (séc. II a.C.), e Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* (séc. I a.C.). Certamente, estes autores retomam, por vezes citando explicitamente, os autores mais antigos cuja obra se perdeu, mas ainda assim escritos no período clássico, nos séculos V e IV a.C. O problema é o mesmo para o período helenístico. Para essa época, mesmo se citam autores gregos contemporâneos aos fatos, as principais fontes que nos informam sobre esse fenômeno datam somente do período do Império Romano. É o caso, em particular, das obras de Arriano, *Anábase*, para as conquistas de Alexandre, e de Flávio Josefo, *Antiguidades judaicas*, para a história dos judeus em contato com os gregos no Oriente Médio e no Egito. Ora, para o período helenístico temos um número muito mais importante de inscrições, tanto textos oficiais gravados em material não perecível, principalmente sobre pedra e papiros conservados no Egito, quanto algumas cartas sobre chumbo provenientes do Mar Negro (**ver o artigo de M. Dana**). Se esta documentação é excepcional para a História Antiga, sua interpretação nem sempre é fácil. Assim, as informações dadas para esta época helenística são raramente úteis para apreendermos os fenômenos próprios aos períodos anteriores, arcaico e clássico.

---

<sup>4</sup> Sobre a possibilidade de situar os episódios da viagem de Odisseu na geografia real do Mediterrâneo, ver BÉRARD, 1927 e mais recentemente SAÏD, 2010, p. 220-225.

<sup>5</sup> Sobre Arquíloco, ver ROUGIER-BLANC; VISA-ONDARÇUHU, 2008, em particular ROUGIER-BLANC, 2008; sobre uma interpretação recente das informações preservadas sobre os movimentos coloniais, ver D'ERCOLE, 2010; D'ERCOLE, 2012, p. 25-26 et 51.

<sup>6</sup> Sobre a ideia de história das colônias da Magna Grécia de acordo com os relatos de Estrabão, ver em particular nosso trabalho: POLLINI, 2017.

## OS TERMOS GREGOS

Duas famílias lexicais se referem aos processos de fundação colonial, *ktizo* e *oikeo-oikizo* (CASEVITZ, 1985). Se a família de *ktizo/ktisis* é utilizada pelas fontes mais antigas, a partir da época clássica, o termo *apoikia* passa a ser o mais usado para designar o estabelecimento colonial. A raiz *oikos* faz referência às propriedades familiares, apreendida de forma global, as terras, a habitação e todas os domínios da família. Assim, o termo *apoikia* pode ser traduzido literalmente por "habitação separada". Trata-se de se instalar em outro lugar, e faz referência aos estabelecimentos gregos que são politicamente independentes da sua metrópole (literalmente, a cidade-mãe).

Por outro lado, muitas vezes os textos gregos utilizam simplesmente a palavra *polis* cuja interpretação e tradução divide há muito tempo os historiadores da Antiguidade. Deve-se aceitar o questionamento cada vez mais frequente da tradução tradicional por "cidade-Estado"? *Polis* é um termo que engloba todos os cidadãos de uma comunidade (cf. MURRAY; PRICE, 1992; HANSEN, 2001; BROCK, 2013). *Polis* é também o termo utilizado para descrever tanto as cidades gregas da bacia do Egeu como aquelas fundadas por um contingente de pessoas que deixaram essa região. Assim, muitos são os casos em que não existe qualquer diferenciação do vocabulário para definir as metrópoles e as colônias.

Para designar os indivíduos que partiram, os termos utilizados provêm da mesma família de *apoikia*: *apoikoi*, os primeiros colonos, *epoikoi*, os colonos de uma segunda leva. Para o fundador, encarregado de organizar a expedição, é utilizado o termo *oikistes*.

Finalmente, em diversas ocasiões, os textos descrevem o ato da fundação, em que o verbo utilizado é *ktizein*, ou a própria fundação. Assim temos o termo *ktisis*, enquanto *ktistes* designa aquele que participa da fundação. Esta família lexical é utilizada desde Homero, provavelmente com raízes que remontam ao Linear B dos micênicos, e é associada à noção de um território, de um espaço para se organizar. Os textos preservados utilizam estes termos para realidades próximas, cujas especificidades se tornaram, por vezes, difíceis de se identificar. Sobretudo, não podemos avançar em nossas interpretações contemporâneas utilizando unicamente os termos gregos. Devemos traduzir e empregar os termos de nossas línguas modernas.

## COLÔNIA

O termo "colônia" é derivado do latim *colonia* e, carregado das conotações que a história dos impérios coloniais modernos o ligaram, dá conta muito imperfeitamente do significado da palavra grega *apoikia*. Em latim, o termo *colonia* vem do verbo *colere*, "cultivar", mais tarde "habitar". A colônia latina do período republicano designa os grupos de indivíduos enviados aos territórios conquistados pelas autoridades romanas para assegurar sua segurança. No mundo romano, e, portanto, em latim, *colonia* faz referência

explicitamente a um território conquistado pelos romanos e submetido a seu controle. É evidentemente a partir deste modelo romano que os autores do período moderno utilizaram o termo “colônia” para tratar as possessões europeias na América. No entanto, é claro que nem o termo nem o modelo são pertinentes quando, na história grega, estamos lidando com fenômenos do período arcaico e com cidades gregas independentes de sua metrópole. Neste caso, ou se deve recorrer aos termos gregos, solução insatisfatória, ou se deve definir o que se entende por colônia quando falamos das cidades gregas coloniais do período arcaico.

### COLONIZAÇÃO

Se o termo “colônia” levanta questões, a possibilidade de encontrar uma denominação genérica para todo o processo de instalação dos gregos nas margens do Mediterrâneo é ainda mais complexa (cf. SOMMER, 2011; VAN DOMMELEN, 2012). O termo “colonização” persistiu por falta de outro melhor. Anacrônico por excelência, ele se refere mais claramente ainda aos movimentos coloniais dos períodos moderno e contemporâneo. Utilizar o termo “colonização” implicaria, implicitamente, a adesão a uma interpretação que está longe de ser unanimidade entre os especialistas, e isto apesar das revisões historiográficas que, desde M. Finley (1976) e E. Lepore (1981), insistiram amplamente sobre as precauções de linguagem e sobre as diferenças fundamentais que distinguem as colonizações modernas e contemporâneas dos movimentos de colonização antiga. O problema está na ideia de que o deslocamento de grandes contingentes de populações gregas no período arcaico tenha sido feito de forma organizada pelas metrópoles. E neste ponto, a questão cronológica é central.

Os especialistas da Antiguidade ainda não são capazes de determinar com certeza o momento do surgimento da cidade-Estado grega como fenômeno político, como uma forma particular de organização de uma comunidade (cf. POLIGNAC, 1995; GRECO 2012). As pesquisas arqueológicas mais recentes tendem a mostrar o agrupamento de edifícios independentes uns dos outros já em uma época bem antiga, desde o século IX a.C. O exemplo mais importante é Zagora, na ilha de Andros, nas Cíclades<sup>7</sup> (Fig. 1). Os vestígios arqueológicos evidentemente não dão detalhes sobre a organização política das populações que ocuparam esses lugares, portanto, o espaço deixado para as interpretações é considerável e, por conseguinte, estas são frequentemente muito diferentes. Alguns pesquisadores veem nesses vestígios o estado embrionário da organização de comunidades independentes e autônomas, ou seja, a cidade-Estado, *polis* em grego. Os pesquisadores que enfatizam o caráter organizado e desenvolvido das comunidades gregas das épocas mais antigas não têm, geralmente, qualquer dificuldade de imaginar que essas comunidades seriam capazes de

---

<sup>7</sup> Ver em particular a síntese de HELLMANN, 2010, p. 183-186. Para uma visão mais geral sobre as formas do fenômeno urbano antigo, ver também LAFON, *et al.*, 2011; LANG, 2002, p. 13-32.

organizar uma expedição colonial ultramarina. Outros, por outro lado, questionam a capacidade dessas comunidades para organizar uma empreitada tão complexa como o envio de um importante contingente de pessoas. R. Osborne (1998 e 2016) propõe que o termo "colonização" seja completamente apagado dos livros de História Grega Antiga. O historiador inglês interpreta as primeiras mobilidades dos gregos no Mediterrâneo no séc. VIII a.C. como sendo resultado de escolhas individuais e não de decisões tomadas pelas comunidades políticas da metrópole. Em resposta às afirmações de R. Osborne, pode-se argumentar que o próprio envio de um grupo de pessoas deveria contribuir para definir, na metrópole, aqueles que têm e aqueles que não têm direito à cidadania, o que constituiria, então, a origem da cidade-Estado, uma comunidade de cidadãos. Seria errado querer ignorar os fatores demográficos (distribuição da população e superpopulação), agrários (a *stenochoria*, cf. ZURBACH, 2008 e 2017) ou desconsiderar os fatores políticos, com a implicação das cidades na organização das partidas coloniais e com a vontade de procurar oportunidades de negócios comerciais. É assim que A. J. Domínguez, E. Greco, M. Lombardo e I. Malkin apelam, por sua vez, para uma reabilitação do termo "colonização", criticando severamente os trabalhos de R. Osborne (GRECO, LOMBARDO, 2010; DOMÍNGUEZ, 2011, p. 200; MALKIN, 2016).

Para dar um exemplo específico, consideremos a lenda de fundação de Tarento, no Sul da Itália (Estrabão VI 3, 2). Segundo o relato, os espartanos, após longos anos de conflitos militares para conquistar a região vizinha de Messênia, no Peloponeso, voltaram para casa e expulsaram os filhos ditos ilegítimos, filhos gerados como resultado de relações entre mulheres espartanas e homens que não eram cidadãos de pleno direito. Mas, na medida em que esses indivíduos eram de toda forma filhos de espartanos, uma solução foi enviar uma expedição para fundar uma nova cidade ou, dito de outro modo, um lugar onde esses homens, considerados ilegítimos na cidade de origem, poderiam adquirir o *status* de cidadãos. É justamente o envio dessa expedição que, em um movimento dialético, define os critérios de cidadania, tanto na metrópole quanto na colônia, criando assim as bases da *polis* grega.

Se a questão não pode ser determinada de forma definitiva, as historiografias francesa e italiana são outrossim contrárias a essa forma de "revisão" da colonização grega arcaica, principalmente a partir da observação dos fenômenos urbanos das cidades coloniais (TRÉZINY, 2005).

Desse ponto de vista, os dados das escavações arqueológicas francesas de Mégara Hibleia, na Sicília (GRAS, TRÉZINY, BROISE, 2004), foram interpretados como a primeira evidência de uma cidade em que o espaço urbano é organizado de forma regular, com os lotes urbanos de tamanhos iguais (**Fig. 2**). Esta divisão de espaço é datada do final do século VIII a.C. Observações semelhantes podem ser feitas sobre os espaços rurais e sobre a divisão das terras das cidades-Estado (**ver o artigo de A. Pollini e o de M. B. Borba Florenzano**

---

<sup>8</sup> Sobre o uso desse termo, bastante conotado em história, para as interpretações atuais da "colonização" grega, ver em especial GRECO e LOMBARDO, 2010.

sobre o caso de Siracusa). Os argumentos de R. Osborne não parecem suficientes para explicar como uma comunidade sem uma organização política seria capaz de dividir o espaço de forma regular. No estado atual de nossos conhecimentos, somos favoráveis à ideia de que somente uma sociedade possuidora de uma organização política suficientemente desenvolvida pode ser capaz de atribuir lotes de terra regulares aos potenciais cidadãos. Se, dessa maneira, pode-se admitir que a colônia possa ser uma cidade-Estado, mesmo que ela o fosse apenas em seu início, nada impede que a metrópole seja igualmente uma cidade-Estado capaz de promover uma expedição colonial.

### TERMOS MAIS NEUTROS?

Uma primeira maneira de sair do impasse do vocabulário colonial seria invocar novas distinções. Outras palavras podem, portanto, ser utilizadas para falar dos fenômenos de instalação dos gregos no ultramar, especialmente "mobilidades" e "enxameamento" (do francês "essaimage") (cf. D'ERCOLE, 2007 e 2012), termos que apresentam, sem dúvida, uma dupla vantagem. Por um lado, evita-se a questão espinhosa da comparação implícita e anacrônica com a colonização das épocas moderna e contemporânea. Por outro lado, esta é a vantagem maior, inclui-se, no mesmo movimento, todo tipo de mobilidade dos gregos no Mediterrâneo. Além disso, a palavra "enxameamento" pode muito bem dar conta de alguns fenômenos tais como as fundações de fundações, para os quais o vocabulário moderno tem-se mostrado ainda limitado ou inadequado.

Esses termos fazem referência, portanto, tanto aos colonos, estabelecidos em novas cidades gregas, como aos outros tipos de instalação. Trata-se claramente do reconhecimento da contemporaneidade e do paralelismo entre a "colonização" e as redes de deslocamento de certos grupos de pessoas, como os comerciantes, os mercenários, os artesãos e artistas, os pensadores, os exilados políticos, entre outros. Inclui-se, assim, tanto os grupos forçados sob determinadas circunstâncias, quanto indivíduos que escolhem, de maneira deliberada e voluntária, a mobilidade (cf. MOATTI, 2004; MOATTI e KAISER, 2007; MOATTI, KAISER e PÉBARTHE, 2009; CAPDETREY e ZURBACH, 2012; MOATTI, 2012); eles podem ademais se instalar tanto nas colônias gregas quanto em estabelecimentos não-gregos. Esses estabelecimentos podem fazer parte de diversas categorias. Pode-se tratar de postos comerciais gregos em país estrangeiro, os *emporion* (BRESSON; ROUILLARD, 1993): pode-se imaginar em especial o *emporion* de Náucratis, no Egito, para citar apenas o mais conhecido (BOWDEN, 1996; MÖLLER 2000, 2005; HÖCKMANN, 2012). Mas também podemos ter casos muito particulares, como o de um certo Pedon, talvez um antigo mercenário grego a serviço do faraó egípcio Psamético em meados do século VII a.C., que foi capaz de exercer funções administrativas no sistema de poder faraônico (AGUT-LABORDÈRE, 2012).

Ao fim desta análise, é importante insistir sobre a diversidade de situações quando se trata de analisar as condições de instalação e de integração das novas populações e indivíduos em um ambiente exógeno. Além disso, se esses termos têm a vantagem de considerar em paralelo diversos tipos de mobilidade e de contribuir para definir a diferença, eles, no entanto, apresentam o inconveniente de serem bastante vagos e incluem todas as formas de deslocamento sob um mesmo vocabulário. Assim, o uso de "mobilidade" ou de "enxameamento" implica a necessidade de definirmos, toda vez, a que tipo de deslocamento nos referimos, se ele designa um deslocamento para instalação de colonos ou para outros tipos de estabelecimento de gregos no ultramar, em contextos coloniais ou não.

O recurso a um vocabulário ao mesmo tempo mais neutro e unificador corre o risco de mascarar as diferenças entre as realidades que relevam *de facto* uma grande diversidade, quer se trate dos fenômenos de mobilidade (fuga, migração, etc.), quer do próprio estatuto dos migrantes, designados frequentemente pelo termo também muito genérico de "estrangeiros".

### DIÁSPORA(S)

Chegamos finalmente ao termo utilizado por grande parte da literatura recente, o de "diáspora" (cf. DUFOIX, 2012; BAUMANN, 2000). O termo, cuja origem grega faz referência à dispersão ("derramar", "dispersar", "semear"), supostamente oferece uma solução para superar os problemas de um vocabulário percebido como anacrônico (colonização) ou muito genérico (mobilidade, enxameamento). Se as intenções são boas, o resultado equivale, à primeira vista, a deslizar de um problema a outro.

O termo "diáspora", em sua forma nominal, foi utilizado pela primeira vez pelas comunidades judaicas helenófonas de Alexandria, no século III a.C., para traduzir em grego a Septuaginta, isto é, os livros da Torá, ou Antigo Testamento. A análise do emprego do termo "diáspora" na Septuaginta mostra que ele nunca traduz o vocábulo judeu para exílio (*galah, golah* ou *galouth*). A diáspora está sempre ligada à deshonra e é percebida como um termo negativo, um tipo de punição cuja origem é Deus, o próprio Yahvé. Mas esta noção negativa está associada à esperança ou à promessa de reunião dos exilados, com uma ligação muito forte com a terra de origem. Por outro lado, a ideia de exílio em hebreu é traduzida em grego por termos como *apoikia, metoixia* ou *paroikia*.

Assim, o uso do termo "diáspora", quando ligado à sua etimologia, é associado não somente a um contexto religioso, mas sobretudo à possibilidade de retorno às terras de origem ou, pelo menos, exprime um forte sentimento de pertencimento a uma comunidade cuja origem se encontra em outro lugar, muitas vezes em oposição aos grupos dominantes dos lugares habitados. É precisamente essa ideia que está muitas vezes implícita na utilização mais abrangente do termo, quando se trata de diferentes tipos de diáspora: armênia, russa, dos negros africanos, comercial... Elas são, portanto, essencialmente comunidades de



minorias, no senso político do termo, que reclamam sua legitimidade por meio de uma origem comum em um lugar diferente daquele em que residem. Este é justamente o cerne do problema, porque essas situações não correspondem às realidades das cidades gregas do período arcaico, onde os colonos se tornam cidadãos de pleno direito nas novas comunidades e, ao contrário, provavelmente não o são mais em suas cidades de origem.

No entanto, se utilizarmos um ponto de vista historiográfico, o termo “diáspora” abrange hoje situações muito diferentes, inclusive do ponto de vista de seus usos disciplinares (em história, sociologia, economia...). Fala-se, portanto, de diásporas de trabalho, diásporas culturais, imperiais ou mesmo comerciais, ao ponto de a noção de diáspora ter-se libertado, hoje, de alguma forma, de sua significação inicial (DELAMARD, 2012). Além disso, a expressão utilizada para o título de publicações francesas recentes, “as diásporas gregas” (**veja nosso texto introdutório ao tema “Explorando a história e a arqueologia da colonização grega...”**), ilustra de antemão a perspectiva a adotar. A escolha do plural não é insignificante. As migrações ligadas ao domínio militar não devem fazer esquecer todas as outras formas de mobilidade: comerciantes, filósofos, artesãos, artistas, músicos, técnicos e médicos gregos. Esses indivíduos se deslocaram por todo o Mediterrâneo e se instalaram em novas comunidades que os acolheram: textos, inscrições e dedicatórias em santuários provam isso. Aliás, a identidade grega não é unívoca durante toda a Antiguidade e em todas as regiões; e os gregos tinham padrões de implantação de fundações que podiam variar em função da época, certamente, mas também das regiões e dos próprios vizinhos dessas regiões. Uma parte da historiografia tradicional geralmente apresentava os gregos em ambiente colonial como minorias dominantes, conquistadores, prontos para subjugar ou escravizar os indígenas. As pesquisas atuais sobre os modos de contato e as transferências culturais provam, agora, que esta interpretação é ao mesmo tempo demasiado esquemática e simplista (cf. ETIENNE, 2010; ETIENNE, 2016). O fenômeno dos ditos contatos pré-coloniais aponta situações de colaboração ou de convivência ou até mesmo de coabitação entre gregos e não-gregos (**ver artigo de A. Esposito sobre o caso da Itália do Sul**). Até que ponto a noção historiográfica de pré-colonização é um conceito operacional? Poderia ela descrever o movimento dos fenícios no Mediterrâneo Central e Ocidental? (**ver o artigo de C. Kormikiari**).

Deve-se, apesar de todas as reservas expressas, reconhecer que o conceito de “diáspora” possui muitos efeitos produtivos. Seu emprego na verdade amplia a questão para outras problemáticas além daquelas relacionadas somente à “colonização” grega da Antiguidade. Como destaca C. Moatti (2012), ele permite antes de mais nada estender a noção de migrante a categorias jamais estudadas como tal (os soldados, os administradores coloniais ou imperiais, os comerciantes, os próprios escravos...). Em segundo lugar, os grupos de migrantes não são mais abordados como minorias em uma dada sociedade, mas como membros de uma rede transnacional. O estudo das práticas diaspóricas permite, então, discernir uma

dimensão mais aberta da identidade cívica do que se pensava anteriormente. Enfim, a noção de “diáspora” ressalta a capacidade de organização dos povos em movimento.

Vê-se desse modo que o problema do vocabulário é, no estado atual, insolúvel. As tentativas recentes de utilização de noções à primeira vista mais neutras que os termos com forte conotação ideológica de “colônia” ou “colonização” permanecem questionáveis. Observa-se, assim, uma certa vontade de romper com o passado colonial, especialmente por parte da historiografia inglesa assombrada pelo Império britânico<sup>9</sup>. No entanto, os conceitos de “mobilidade”, “enxameamento” e “diáspora” não conseguem resolver todas as dificuldades nem cobrir todos os fenômenos históricos considerados. Eles ignoram a diversidade de formas de mobilidade que conheceram as cidades gregas ao longo da história. Por outro lado, não é mais satisfatório empregar unicamente os termos gregos. Definitivamente, se verifica a necessidade constante de definição do vocabulário utilizado, tanto para deixar claro a que contexto histórico se faz referência, quanto para descrever a grande diversidade de configurações possíveis que, caso a caso, merecem ser precisadas. Todavia, “colônia” permanece como a opção menos ruim para propor uma transposição do termo grego *apoikia*. “Colônia” permite, além disso, dar conta da ligação atestada no vocabulário grego entre as *apoikiai* arcaicas, clássicas e helenísticas, designadas sempre por esse mesmo termo.

---

<sup>9</sup> Nos ambientes anglófonos, herdeiros da experiência colonial britânica, a crítica à “colonização” grega é com frequência uma crítica à figura de T. J. Dunbabin (DUNBABIN, 1948), australiano e professor em Oxford, a própria encarnação do colonizador britânico contemporâneo. Ver os comentários de DESCOEUDRES, 1990; DE ANGELIS, 1998.

## REFERÊNCIAS

- AGUT-LABORDÈRE, DAMIEN. « Plus que des mercenaires ! L'intégration des hommes de guerre grecs au service de la monarchie saïte », in LAURIANNE MARTINEZ-SÈVE (éd.). *Les diasporas grecques du VIII<sup>e</sup> à la fin du III<sup>e</sup> siècle av. J.-C., Pallas*, 89, Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2012, p. 293-306.
- BAUMANN, MARTIN. « Diaspora: genealogies of semantics and transcultural comparison », *NUMEN*, 47, 2000, p. 313-337.
- BÉRARD, VICTOR. *Les navigations d'Ulysse*, 4 vols, Paris : A. Colin, 1927.
- BHABHA, HOMI K. *The Location of culture*, coll. *Routledge classics*, Londres: Routledge, 2004.
- BOWDEN, HUGH. « The Greek settlement and sanctuary at Naukratis: Herodotus and archaeology », in MOGENS HERMAN HANSEN, KURT RAAFLAUB (eds.). *More studies in the ancient greek polis*, 108, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996, p. 17-37.
- BRESSON, ALAIN e ROUILLARD, PIERRE (eds.). *L'Emporion. Publications du Centre Pierre Paris*, 26, Paris: De Boccard, 1993.
- BROCK, ROGER. *Greek Political Imagery from Homer to Aristotle*, Londres: Bloomsbury Academic, 2013.
- CAPDETREY, LAURENT e ZURBACH, JULIEN (eds.). *Mobilités grecques. Mouvements, réseaux, contacts en Méditerranée, de l'époque archaïque à l'époque hellénistique. Scripta Antiqua*, 46, Bordeaux: Ausonius, 2012.
- CASEVITZ, MICHEL. *Le vocabulaire de la colonisation en grec ancien: étude lexicologique: les familles de [ktizō] et de [oikeō-oikizō]*, coll. *Études et commentaires*, 97, Paris: Klincksieck, 1985.
- CASEVITZ, MICHEL. « L'ambiguïté du vocabulaire: colonisation, colonie, colon », in PIERRE ROUILLARD (ed.). *Portraits de migrants, portraits de colons 1, Colloques de la Maison René-Ginouvès*, 2009, Nanterre, Paris: De Boccard, p. 13-16.
- DE ANGELIS, FRANCO. « Ancient past, imperial present: the British Empire in T.J. Dunbabin's *The western Greeks* », *Antiquity. A quarterly Review of Archaeology*, 72, n° 277, sept., 1998, p. 539-549.
- D'ERCOLE, MARIA CECILIA. « Mobilité et colonisation dans la Méditerranée archaïque et classique », in PIERRE ROUILLARD (ed.). *Mobilités, immobilismes. L'emprunt et son refus*, coll. *Colloques de la Maison René Ginouvès*, 3, Paris: De Boccard, 2007, p. 45-54.
- D'ERCOLE, MARIA CECILIA. "Oublie Paros". Départs, retours et conquêtes imaginaires dans la colonisation grecque archaïque et classique, in PIERRE ROUILLARD (ed.). *Portraits de migrants, portraits de colons*, coll. *Colloques de la Maison René-Ginouvès*, 6, 2, Paris : De Boccard, 2010, p. 71-90.

- D'ERCOLE, CECILIA. « L'essaimage colonial grec en Méditerranée antique: espaces, réseaux économiques, interactions culturelles », *Annuaire. Comptes rendus des cours et conférences, École des Hautes Études en Sciences Sociales* 2010-2011, 2012, p. 290-291.
- DELAMARD, JULIE. « Entretien avec Irad Malkin: « Diaspora, réseau: le poids des mots, le choix des images », *Tracés. Revue de sciences humaines*, 23, 2012, p. 221-235.
- DESCOEUDRES, JEAN-PAUL (ed.). *Greek Colonists and Native Populations. Proceedings of the First Australian Congress of Classical Archaeology held in honour of Emeritus Professor A. D. Trendall, Sydney 9-14 July 1985*, Oxford: Clarendon Press, 1990.
- DOMÍNGUEZ, ADOLFO J. « The origins of Greek colonisation and the Greek polis: some observations », *Ancient West and East (AWE)*, 10, 2011, p. 195-207.
- DUFOIX, STÉPHANE. « Des usages antiques de diaspora aux enjeux conceptuels contemporains », in LAURIANNE MARTINEZ-SÈVE (ed.). *Les diasporas grecques du VIII<sup>e</sup> à la fin du III<sup>e</sup> siècle av. J.-C., Pallas*, 89, Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2012, p. 17-33.
- DUNBABIN, T. J. *The Western Greeks: the history of Sicily and South Italy from the foundation of the Greek colonies to 480 B.C.*, Londres: Ares Publishers, 1948.
- ÉTIENNE, ROLAND. « Historiographie, théories et concepts », in ROLAND ÉTIENNE (ed.). *La Méditerranée au VII<sup>e</sup> siècle av. J.-C. essais d'analyses archéologiques*, coll. *Travaux de la Maison René Ginouvès*, 7, Paris: De Boccard, 2010, p. 3-26.
- ÉTIENNE, ROLAND. « Connectivité et croissance: deux clés pour le VIII<sup>e</sup> s.? », in LIEVE DONNELLAN, VALENTINO NIZZO e GERT-JAN BURGERS (eds.). *Conceptualising early colonisation, Contextualising early colonisation II*, Bruxelles: Institut historique belge de Rome, 2016, p. 89-95.
- FINLEY, MOSES I. « Colonies. An attempt at a typology », *Transactions of the Royal Historical Society*, s.V, XXVI, 1976, p. 167-188.
- GRAS, MICHEL, TRÉZINY, HENRI e BROISE, HENRI. *Mégara Hyblaea. 5, La ville archaïque: l'espace urbain d'une cité grecque de Sicile orientale*, coll. *Mélanges d'archéologie et d'histoire. Suppléments*, 1, Rome: École française de Rome, 2004.
- GRECO, EMANUELE. « Città greche di Magna Grecia e Sicilia: caratteri e strutture », in *Magna Grecia: città greche di Magna Grecia e Sicilia*. Rome: Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani S.P.A, 2012, p. 55-69.
- GRECO, EMANUELE e LOMBARDO, MARIO. « La colonizzazione greca: modelli interpretativi nel dibattito attuale », in *Alle origini della Magna Grecia: mobilità, migrazioni, fondazioni. Atti del Convegno di studi sulla Magna Grecia*, L, 2010, Tarente, Naples: Istituto per la Storia e l'Archeologia della Magna Grecia, p. 37-60.

- GRUEN, ERICH STEPHEN (ed.). *Cultural identity in the ancient Mediterranean. Issues & debates*, Los Angeles: Getty Research Institute, 2011.
- HALL, JONATHAN. « The Creation and expression of identity in the Classical world: Greece », in SUSAN E. ALCOCK, ROBIN OSBORNE (eds.). *Classical Archaeology*, coll. *Blackwell studies in Global Archaeology*, 10, Malden, MA: Blackwell Publishing, 2007, p. 337-354.
- HANSEN, MORGENS HERMAN. *Polis et cité-État. Un concept antique et son équivalent moderne*, Trad. ALEXANDRE HASNOAOUI, Paris: Les Belles Lettres, 2001.
- HELLMANN, MARIE-CHRISTINE *L'architecture grecque. 3, Habitat, urbanisme et fortifications*, coll. *Les Manuels d'art et d'archéologie antiques*, Paris : Picard, 2010.
- HÖCKMANN, URSULA. *Archäologische Studien zu Naukratis*, 3, Worms: Wernersche Verlagsgesellschaft, 2012.
- LAFON, XAVIER, MARC, JEAN-YVES e SARTRE, MAURICE. *La Ville antique*, coll. *Histoire de l'Europe urbaine*, 1. *De l'Antiquité au XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris : Seuil, 2011.
- LANG, FRANZISKA. Housing and settlement in archaic Greece, *Pallas. Revue d'études antiques*, 58, 2002, p. 13-32.
- LEPORE, ETTORE. « I Greci in Italia ». *Storia della società italiana. 1 L' Italia antica. 1, Dalla preistoria all'espansione di Roma*, Milan: N. Teti, 1981, p. 213-268.
- LOMAS, KATHRYN (ed.) *Greek Identity in the Western Mediterranean. Papers in Honour of Brian Shefton. Mnemosyne. Supplementum*, 246, Leiden: Brill, 2004.
- LOOMBA, ANIA. *Colonialism-postcolonialism*, 2<sup>nd</sup> ed., Londres: Routledge, 2005.
- MALKIN, IRAD (éd.). *Ancient perceptions of Greek ethnicity. Center for Hellenic studies colloquia*, 5, Washington : Center of Hellenic studies. Trustees for Harvard University, 2001.
- MALKIN, IRAD. « Postcolonial Concepts and Ancient Greek Colonization », *MLQ: Modern Language Quarterly*, vol. 65, n. 3, 2004, p. 341-364.
- MALKIN, IRAD. « Greek colonisation: the Right to Return », in LIEVE DONNELLAN, VALENTINO NIZZO, GERT-JAN BURGERS (eds.). *Conceptualising early colonisation, Contextualising early colonisation II*, Bruxelles: Institut historique belge de Rome, 2016, p. 27-50.
- MALKIN, IRAD (ed.). *Ancient perceptions of Greek ethnicity. Center for Hellenic studies colloquia*, 5, Washington: Center of Hellenic studies. Trustees for Harvard University, 2001.
- MOATTI, CLAUDIA. « Mobilités et circulations: approches historiographique et conceptuelle », in LAURENT CAPDETREY e JULIEN ZURBACH (eds.). *Mobilités grecques. Mouvements, réseaux, contacts en Méditerranée, de l'époque archaïque à l'époque hellénistique*, coll. *Scripta Antiqua*, 46, Bordeaux: Ausonius, 2012, p. 39-52.

- MOATTI, CLAUDIA (Ed.). *La mobilité des personnes en Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne: procédures de contrôle et documents d'identification* Collection de l'École française de Rome, 341, Rome: École française de Rome, 2004.
- MOATTI, CLAUDIA et KAISER, WOLFGANG (Eds.). *Gens de passage en Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne: procédures de contrôle et d'identification*. Collection L'Atelier méditerranéen, Paris: Maisonneuve & Larose, 2007.
- MOATTI, CLAUDIA, KAISER, WOLFGANG e PÉBARTHE, CHRISTOPHE (Eds.). *Le monde de l'itinérance en Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne: procédures de contrôle et d'identification*. Études - Ausonius, 22, Bordeaux: Ausonius, 2009.
- MÖLLER, ASTRID, *Naukratis: Trade in Archaic Greece* (Oxford Monographs on Classical Archaeology), Oxford : Oxford University Press, 2000.
- MÖLLER, ASTRID, « Naukratis as port-of-trade revisited », *Topoi*, vol. 12-13/1, 2005, p. 183-192. MÜLLER, CHRISTEL et PROST, FRANCIS (Eds.). *Identités et Cultures dans le monde Méditerranéen Antique*, Paris: Publications de la Sorbonne, 2002.
- MÜLLER, CHRISTEL et VEISSE, ANNE-EMMANUELLE (Eds.). *Identité ethnique et culture matérielle dans le monde grec. Actes de la table ronde organisée à Paris (INHA) les 10 et 11 décembre 2010. Dialogues d'histoire ancienne. Supplément, 10* Besançon: Presses universitaires de Franche-Comté, 2014.
- MURRAY, OSWYN et PRICE, SIMON (Eds.). *La cité grecque d'Homère à Alexandre*, Paris: La Découverte, 1992. OSBORNE, ROBIN. « Early Greek Colonization? The Nature of Greek Settlement in the West », in NICK FISHER, HANS VAN WEES (eds.). *Archaic Greece: New Approaches and New Evidence*, Londres: Duckworth, 1998, p. 251-269.
- OSBORNE, ROBIN. «Greek 'colonisation': what was, and what is, at stake?», in LIEVE DONNELLAN, VALENTINO NIZZO, GERT-JAN BURGERS (eds.). *Conceptualising early colonisation, Contextualising early colonisation II*, Bruxelles: Institut historique belge de Rome, 2016, p. 21-26.
- POLIGNAC (de), FRANÇOIS. *La Naissance de la cité grecque. Cultes, espace et société, VIII<sup>e</sup>-VII<sup>e</sup> siècles*, 2<sup>e</sup> éd., Paris: La Découverte, 1995.
- POLLINI, AIRTON. « Hérodote de Thourioi témoin des migrants en Grande Grèce », in PIERRE ROUILLARD (Ed.). *Portraits de migrants, portraits de colons 1, Colloques de la Maison René-Ginouès*, Nanterre, Paris: De Boccard, 2009, p. 53-62.
- POLLINI, AIRTON. A ideia de história em Estrabão a partir do relato sobre a Magna Grécia (*Geografia*, livro VI), in GLAYDSON JOSÉ DA SILVA e MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA SILVA (éds.). *A ideia de história na Antiguidade clássica*, São Paulo: Alameda casa editorial, 2017, p. 219-254.

- ROUGIER-BLANC, SYLVIE. L'Interprétation politique et sociale de l'oeuvre d'Archiloque : bilan et perspectives, in SYLVIE ROUGIER-BLANC e VALÉRIE VISA-ONDARÇUHU (eds.). *Archiloque, poète dans l'histoire*, coll. *Pallas*, 77, Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2008, p. 15-31.
- ROUGIER-BLANC, SYLVIE e VISA-ONDARÇUHU, VALÉRIE (eds.). *Archiloque, poète dans l'histoire. Pallas*, 77, Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 2008.
- RUBY, PASCAL. « Peuples, fictions ? Ethnicité, identité ethnique et sociétés anciennes », *REA*, 108, 1, 2006, p. 25-60.
- SAHLINS, MARSHALL. *How 'natives' think: about captain Cook, for example*, Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- SAID, EDWARD W. *Culture and imperialism*, New York: Knopf, 1993.
- SAÏD, SUZANNE. *Homère et "l'Odysée"*, Paris : Belin, 2010.
- SOMMER, MICHAEL. « Colonies - colonisation - colonialism: a typological reappraisal », *Ancient West and East (AWE)*, 10, 2011, p. 183-193.
- SPIVAK, GAYATRI CHAKRAVORTY. *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*, Cambridge (Mass): Harvard university press, 1999.
- SPIVAK, GAYATRI CHAKRAVORTY. *In other worlds: essays in cultural politics*, coll. *Routledge classics*, Londres: Routledge, 2006.
- SPIVAK, GAYATRI CHAKRAVORTY, HARASYM, SARAH. *The post-colonial critic: interviews, strategies, dialogues*, New York: Routledge, 1990.
- TRÉZINY, HENRI. « Les colonies grecques de Méditerranée occidentale », *Histoire urbaine*, 2, n.13, 2005, p. 51-66.
- VAN DOMMELEN, PETER. « Colonialism and migration in the ancient Mediterranean », *Annual Review of Anthropology*, 41 (October 2012), 2012, p. 393-409.
- ZURBACH, JULIEN. « Question foncière et départs coloniaux. À propos des *apoikiai* archaïques », *Annuario della Scuola archeologica di Atene e delle missioni italiane in Oriente*, LXXXVI, s. III, 8, 2008, p. 87-103.
- ZURBACH, JULIEN. *Les hommes, la terre et la dette en Grèce. c. 1400 - c. 500 a.C.* Bordeaux: Ausonius Éditions, 2017.

---

Recebido em: 21/07/2017

Submitted in: 21/07/2017

Aprovado em: 30/07/2017

Aproved in: 30/07/2017

Publicado em: 24/06/2018

Published in: 24/06/2018

---

FIGURAS

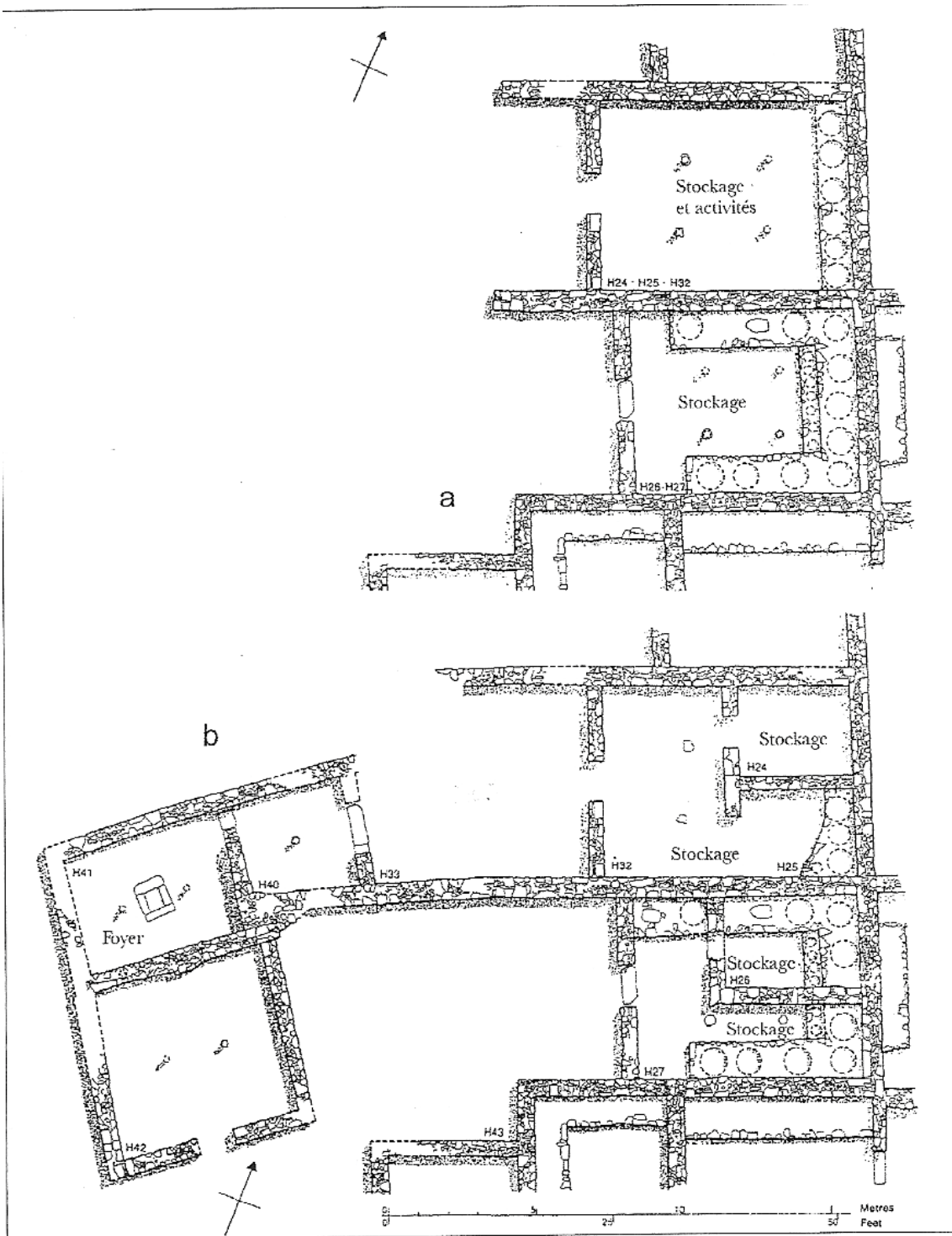


Figura 01: Zagora de Andros, Cíclades, Grécia. (M.-Chr. Hellmann, *L'architecture grecque*. Vol. 3, Habitat, urbanisme et fortifications, Paris: Picard, 2010, fig. 263).



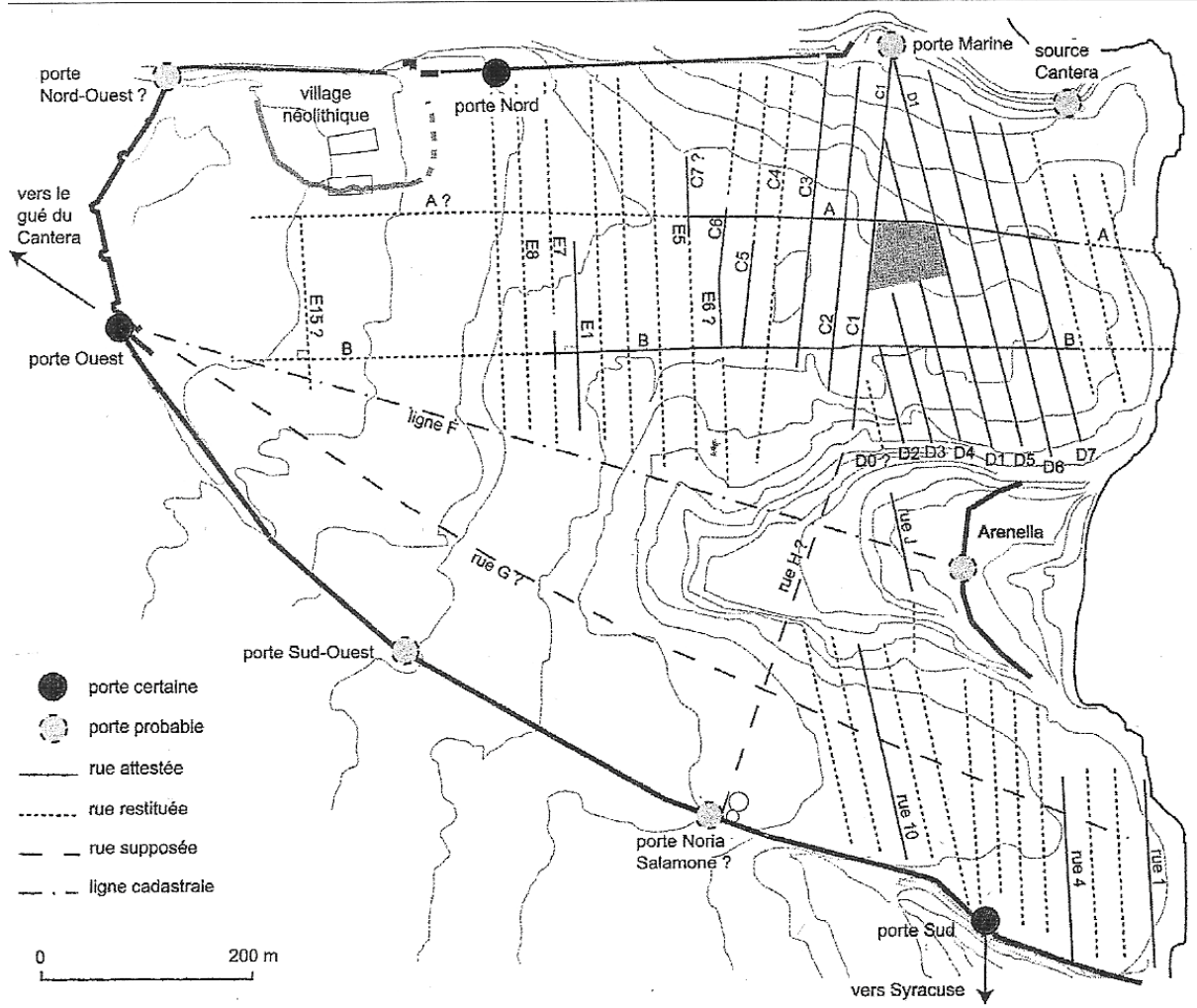


Figura 02: Divisão regular do espaço urbano em Mégara Hibleia, na Sicília (GRAS; TRÉZINY; BROISE, 2004).